

A tradução do livro católico *O coração do ser humano*, de J. E. Gossner (1812) pelo presbiteriano A. Jensen (1914): a promoção de um imaginário católico ou sua releitura protestante?

Helmut Renders*

Resumo

O artigo interpreta o livro *Das Herz des Menschen* [*O coração do ser humano*], de J. E. Gossner de 1822 a partir de suas bases católicas e compara o resultado com sua tradução para o português, feita em 1914 pelo presbiteriano brasileiro André Jensen. Para isso, estuda-se a iconografia de suas dez estampas e a iconologia dos textos acompanhantes. Conclui-se que Jensen considerava o conteúdo da versão original, em geral, compatível com sua compreensão da tradição presbiteriana. Para isso, apresenta, sutilmente, Calvino como representante da *religio cordis* e omite, discretamente, conceitos não presbiterianos, como o católico *zuvorkommende Gnade* (graça proveniente). Além disso, Jensen reorganiza a sequência dos emblemas segundo o esquema do “caminho largo e caminho estreito” do protestantismo tardio que, de fato, somente reafirma um aspecto central da mensagem da versão original: sua leitura unilateralmente negativa do mundo como sedutor ou perseguidor. Assim, até a introdução da liberdade no lugar da generosidade, ou seja, de um conceito distinto do protestantismo, não contribui para uma releitura protestante. Prevalece um imaginário dicotômico da batalha entre Deus e o Diabo no, e pelo, coração humano com o foco em alcançar uma morte santa, sem nenhuma pretensão de transformar o mundo.

Palavras-chave: Johannes Evangelista Gossner; André Jensen; *Das Herz des Menschen*; *Livrinho do coração*; religião “cordial”; *religio cordis*.

The translation of the Catholic book *The human heart* by J. E. Gossner (1812) by Presbyterian A. Jensen (1914): the promotion of a Catholic imaginary or its Protestant review?

Abstract

This paper interprets *The heart of man*, written by J. E. Gossner in 1822, from its Catholic background and compares the result with its translation into Portuguese, produced in 1914 by André Jensen, a Brazilian Presbyterian. To achieve this, we study the icono-

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Faculdade de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Umesp.

graphy of its ten emblems and the iconology of its accompanying texts. We conclude that Jensen believed the contents of the original version were generally consistent with his understanding of the Presbyterian tradition. He subtly presents Calvin as the representative of the *religio cordis* and discreetly omits non-Presbyterian concepts, such as the Catholic *zuworkommende Gnade* (prevenient grace). Moreover, Jensen reorganizes the sequence of emblems according to the late Protestant scheme of the “broad and narrow way”, which, in fact, reaffirms only a central aspect of the book’s original message, its unilateral negative understanding of the world as seductive or oppressive. Thus, even the introduction of freedom in place of generosity, that is, of a distinct Protestant concept, did not contribute to the creation of a more Protestant rereading. There is a prevailing dichotomous imaginary of a battle between God and the devil in and by the human heart focused on reaching a holy death, with no intention of transforming the world.

Keywords: Johannes Evangelista Gossner, André Jensen; *Das Herz des Menschen*; *The book of the heart*; “cordial” religion; *religio cordis*.

¿La traducción del libro católico *El corazón humano* de J. E. Gossner (1812) por el presbiteriano A. Jensen (1914): promoción de un imaginario popular católico o relectura protestante?

Resumen

En el documento se interpreta el libro *Das Herz des Menschen* [*El corazón humano*], de J. E. Gossner de 1822, desde su base católica y compara el resultado con su traducción al portugués, realizada en 1914 por el brasileño presbiteriano André Jensen. Para ello, se estudia la iconografía de sus diez emblemas y la iconología de los textos adjuntos. Llegamos a la conclusión de que Jensen cree que el contenido de la versión original en general es de acuerdo con su comprensión de la tradición presbiteriana. Para ello, presenta sutilmente Calvin como representante de la *religio cordis*, y omite discretamente conceptos no presbiterianos, como el católico *zuworkommende Gnade* (la gracia proveniente). Además Jensen reorganiza la secuencia de los emblemas de acuerdo con el esquema del “camino ancho y el camino angosto” del protestantismo tardío que, en realidad, sólo reafirma un aspecto central del mensaje original: su lectura unilateralmente negativa del mundo como seductor o acosador. Por lo tanto, hasta la introducción de la libertad en lugar de la generosidad, o sea, un concepto distinto del protestantismo, no contribuye a una relectura protestante. Predomina un imaginario dicotómico de una batalla entre Dios y el diablo, en y por lo corazón humano, con el único objetivo de lograr una muerte santa, sin ninguna pretensión de transformar el mundo.

Palabras clave: Johannes Evangelista Gossner; André Jensen; *Das Herz des Menschen*; *El libro del corazón*; la religión “cordial”; *religio cordis*.

Introdução

Desde 2008 estudamos as traduções do *Herzbüchlein* (*Livrinho do coração*), escrito originalmente em alemão pelo católico Johannes Evangelista Gossner (1812)¹, para o português e classificamo-las como expressões da religião

¹ Gossner era um sacerdote católico alemão.

“cordial” brasileira. Primeiro, analisamos sua compreensão da relação ideal entre a igreja e a sociedade (cf. RENDERS, 2009a, p. 89-113), depois suas origens (cf. RENDERS, 2009b, p. 373-413), suas edições brasileiras (cf. RENDERS, 2009c, p. 114-153) e, finalmente, sua proximidade com a “matriz religiosa brasileira” (cf. RENDERS, 2011a, p. 181-198), segundo o conceito usado pelo sociólogo da religião Bittencourt Filho (1997)². Concluímos que o livrinho faz parte das expressões evangélicas da religião “cordial” brasileira (cf. RENDERS, 2011b) que acabam reproduzindo, em seu meio, atitudes e características do “homem cordial” segundo a tipologia sociológica de Sérgio Buarque de Holanda (1936).

Durante toda essa pesquisa, favorecemos os aspectos transversais da religião cordial encontrados. Neste artigo, entretanto, gostaríamos de testar, mais uma vez, nossa tese e insistir na existência de aspectos “protestantes” na edição de Jensen sob consideração maior do texto explicativo dos emblemas. Assim, perguntamos: a tradução de Jensen do *Livrinho do coração* para a língua portuguesa realmente reproduz unicamente a iconografia e a iconologia do original católico ou representa uma releitura protestante do discurso original, e, se for o caso, até que ponto?

Para isso, organizamos o artigo em dois movimentos entrelaçados. Primeiro destacaremos a mensagem da versão original para, depois, elaborar continuidades e descontinuidades e, enfim, os acentos da mensagem favorecida por Jensen para o Brasil. Em um segundo momento, partimos das evidências iconográficas dos emblemas em si e entre si para, depois, explorar os significados apresentados pelo autor e pelo tradutor, aos quais nos referiremos, daqui para adiante, como a iconologia das edições católica e protestante³.

A iconografia dos emblemas nas edições católica e protestante

O *Livrinho do coração* é composto por dez emblemas comentados, orações e canções. Trata-se de um livreto para uso pessoal, catequese ou evangelismo. Formalmente, faz parte do gênero dos livros com emblemas e, quanto ao seu conteúdo, da tradição da *religio cordis*, da religião do coração. As mais distantes origens do *genre* teológico são textuais e dos séculos V (Agostinho de Hipona) e XIII (Mechthild e Gertrud de Hefta) d.C. As primeiras expressões iconográficas, sejam pinturas ou esculturas, são do século XIV. Quanto ao gênero

² Paralelamente a este artigo, estamos ainda preparando um estudo detalhado sobre a dependência iconológica do texto de obras francesas. (RENDERS, 2012).

³ Referimo-nos, em seguida à “iconografia” quanto aos emblemas e à “iconologia das edições” quanto ao texto que as acompanha.

formal dos livros emblemáticos, o próprio Gossner (1813, p. iii) refere-se a uma obra alemã anterior intitulada *Sittenspiegel* (*Espelbo de costumes*), por sua vez traduzida do francês em 1732⁴. Na França, de fato, eram chamados *Miroirs du pêcheur* (*Os espelhos do pecado*) (cf. GARNIER, circa 1739). O que Gossner e Jensen, em seguida, também não mencionam é que esses *Miroirs*, por sua vez, dependiam, iconograficamente, do livro emblemático *Cor Iesv amanti sacrum* [*O santo coração do Jesus amante*], do jesuíta Antônio Wierix (1585-86)⁵. Sua iconografia foi transmitida por mediação das tábuas da missão (*tableaux de mission*) do dominicano Michel le Nobletz (1577-1652) e do jesuíta Vicente Huby (1608-1693), que as reduziram a um conjunto de doze emblemas, incluindo, ainda, outros quatro, representando a *novissima*⁶. A iconografia usada, então, segue uma tradição longa com um código iconográfico estabelecido ao longo de 600 anos e uma base textual com uma idade entre 800 e 1500 anos.

A iconografia original católica

A relação com essa antiga tradição iconográfica, basicamente jesuíta, transparece em diversos momentos: o mero uso de um emblema em tratados teológicos é de origem jesuíta e muitos dos emblemas usados contêm ainda elementos típicos para o discurso emblemático jesuítico e católico pós-tridentino.

Oito dos dez emblemas são compostos por um coração com uma cabeça em sua parte superior. A representação de um coração oco é típica da iconografia jesuíta, com base em Antônio Wierix. Na edição de Gossner, esses conjuntos emblemáticos são designados “uma imagem do interior de” (duas vezes), “o estado interior de” (três vezes), “o coração de” (uma vez), “o estado do coração de” (uma vez) e “o interior de” (duas vezes).

Um segundo elemento, também da escola jesuíta, foi acrescido quase cem anos depois. Trata-se da cabeça acima do coração. Esta combinação de cabeça com coração oco já é encontrada na iconografia dos *Miroirs du pêcheur* (GARNIER, circa 1739) e foi criada cem anos antes pelo próprio Huby (circa 1640). Em cada emblema, a expressão facial é diretamente relacionada com

⁴ Mencionamos aqui somente que Gossner parece ter ampliado e modificado o texto que acompanha os emblemas e o número desses emblemas. A relação entre a obra de Würzburg e a obra de Gossner é ainda assunto de uma pesquisa futura. Até hoje não tínhamos acesso a este texto.

⁵ Na internet, encontram-se uma edição italiana (WIERIX, 1628) e uma francesa (WIERIX, 1673) com diversas reproduções de um ou outro emblema.

⁶ O conceito pertence à dogmática católica. A doutrina das coisas novas (novissima ou novissima temporum) corresponde à doutrina das coisas últimas (escatologia), no caso, sempre focando em quatro ênfases: a morte santa, o juízo final e a dupla saída (inferno e céu).

o estado interior, ou seja, a linguagem corporal revela o estado espiritual ou interior da pessoa⁷. Servindo como exemplo, encontramos outro efeito renovador da graça que resulta em um rejuvenescimento da face (emblema 9) ou dos vícios (emblema 6) que resplandece numa face envelhecida. Além disso, o livro contém dois emblemas chamados “a morte de”, que mostram duas pessoas no leito, na passagem ao inferno ou ao céu, acompanhadas por anjos e diabos, chamadas ou rejeitadas por Cristo.

Além disso, as citações iconográficas da paixão de Cristo remetem aos modelos mais clássicos medievais (duas vezes; emblemas 4 e 6). Já a presença do crucifixo (três vezes; emblemas 4, 9 e 10⁸), da cruz vazia (duas vezes; emblemas 5 e 6) e da Trindade (uma vez; emblema 5) pode ser classificada como iconografia católica geral. Dessa forma, os emblemas 4 a 6 remetem diretamente aos elementos centrais de uma iconografia dos séculos XIII e XIV, que se encontram nas grandes catedrais europeias, ou como tema autônomo, ou como elemento-chave integrado aos retratos da chamada Missa de Gregório, uma apologia iconográfica a favor da doutrina da transubstanciação.

Os dois elementos constitutivos do fundo – coração e cabeça – são preenchidos, por um lado, com representações dos sete pecados capitais, no caso, orgulho, mesquinhez, inveja, ira, preguiça, glotonaria, impureza. Eles são acompanhados pelo Diabo (três vezes; emblemas 1 a 3), ou cada um por um demônio particular (três vezes; emblemas 6, 7 e 9). O sétimo emblema combina a presença do Diabo com a de sete demônios. Nos emblemas 5, 8 e 10 aparece o Diabo, sem referência direta aos pecados capitais.

Em todos os dez emblemas aparece também um anjo, seis vezes, acompanhado de diversas chamas e uma pomba, representando o Espírito Santo (emblemas 1-6). O anjo debate com o ser humano (emblema 1), luta pelo ser humano (emblema 2, espada; emblema 6, punos), ensina o ser humano (emblemas 3 e 4, penha), afasta-se dele expressando grande tristeza (emblema 8), proclama ao ser humano (emblema 9) ou o conduz ao céu (emblema 10).

Assim, constrói-se a imagem de uma luta pelo coração humano (seis vezes, emblemas 1-3, 5-7), entre Deus, mediado por um anjo e pelo Espírito Santo, e o Diabo, acompanhado pelos demônios. Esta disputa pelo coração humano resulta, na vida terrestre, ou na vitória total da trindade – onde o Diabo e os

⁷ Bettina Bannasch (2007, p. 170-172) destacou o fenômeno em Gossner, porém, como foi dito, o esquema é quase duzentos anos mais antigo. Veja também que no fim do século XIII, o inglês William Blake (1757-1827) usava as metáforas do coração e da face lado a lado em sua poesia *The divine image* (BLAKE, 1794, p. 14): "For Mercy has a human heart, / Pity, a human face, / And Love, the human form divine, / And Peace, the human dress". Repare no subtítulo do livro: “os dois estados da alma humana” (negrito pelo autor).

⁸ No emblema 10, o fiel, em seu leito de morte, segura um crucifixo com suas duas mãos.

demônios não têm mais voz nem vez (uma vez; emblema 4) –, ou na vitória do Diabo e do total desaparecimento de Deus (uma vez; emblema 7). Em relação à vida eterna, a consequência é ou o inferno ou o céu⁹. Passa-se, em tudo, a ideia da vida como disputa constante entre Deus e o Diabo pelo interior, ou o coração do ser humano, que passa pela admissão ou rejeição dos pecados capitais (seis vezes; emblemas 1-3, 6-7 e 9) ou das virtudes teologais – fé, amor e esperança – acompanhadas pelas sete virtudes¹⁰ clássicas, no caso, divididas em dois grupos de quatro (“humildade, generosidade, amor, castidade”)¹¹ e de três virtudes (sobriedade, paciência, diligência)¹² (uma vez, emblema 5). Entretanto, enquanto os sete pecados mortais são presentes em seis dos dez emblemas, as setes virtudes somente aparecem uma única vez. O domínio pelo mal, ou a ameaça pelo mal, são os temas principais do texto.

O modelo dos setes vícios¹³ e das sete virtudes é um elemento fundamental na articulação da teologia moral católica e encontrado desde a *Psychomachia* de Prudentius (400)¹⁴. Prudentius relacionava o imaginário da batalha na e pela alma humana com a ideia da “entrada de Cristo no coração (*cor*) e o frutífero casamento entre o Espírito e a alma (*anima*)” (TROUT,

⁹ A opção do purgatório não aparece em Gossner.

¹⁰ A ideia das virtudes é um elemento constitutivo na *Ética* a Nicômaco, de Aristóteles (384-322 a.C.). Ele lista doze virtudes morais que representam a respectiva busca do equilíbrio como superação de extremos de ausência e omissão ou excesso (cf. ROSS, 1987, 208-209): coragem (entre covardia e temeridade); temperança (entre insensibilidade e libertinagem); liberalidade (entre avareza e esbanjamento); magnificência (entre vileza e vulgaridade); respeito próprio (entre modéstia e vaidade); prudência (entre moleza e ambição); gentileza (entre indiferença e irascibilidade); veracidade (entre descrédito próprio e orgulho); agudeza de espírito (entre rusticidade e zombaria); amizade (entre enfado e condescendência); modéstia (entre desavergonhamento e timidez); justa indignação (entre malevolência e inveja). O exercício destas virtudes promove a justiça. A ética aristotélica é uma ética para homens livres que atuam na polis. A oposição entre amizade (ética aristotélica) e amor (ética judaico-cristã) é um assunto contínuo na discussão de uma ética para a vida pública.

¹¹ “Demuth, Freygiebigkeit, Lieb[e] und Keuschheit.”

¹² “Nüchternheit, Geduld und Fleiß.”

¹³ Gossner: “Hoffart, Gei[t]z, Neid, Zorn, Trägheit, Füllere[y/i], Unkeuschheit“ (“orgulho, mesquinhez, inveja, ira, preguiça, gluttonaria, impureza”).

¹⁴ Prudentius apresenta uma combinação que integra duas das três virtudes teologais (Fides versus veterum cultura deorum [fé contra os cultos dos Deuses antigos]; pudicitia versus sodomita libido [castidade contra o desejo dos sodomitas]; patientia versus ira [paciência contra a ira]; mens humilis et spes versus superbia et fraus [humildade e esperança contra orgulho e fraude]; sobrietas versus luxuria [sobriedade contra indulgência]; ratio et operatio versus avaritia [razão e boas obras contra ganância]; concordia et fides versus discordia cognomento haeresis [concordia e fé contra a discórdia ou seu outro nome, a heresia]) (negrito pelo autor). Segundo Trout (2005, p. 555) a “... Psychomachia (batalha na /pela alma) foi lido e imitado em grande escala na Idade Média e na Renascença”.

2005, p. 555). Finalmente, representa Tomás de Aquino (1224/25-1274)¹⁵ a grande síntese escolástica do esquema. Quer dizer, o modelo das sete virtudes é característico para a época medieval, desde seu início até sua expressão máxima na escolástica e, inicialmente, vinculado com a *religio cordis*. Dentro da tradição das sete virtudes, Gossner opta pela tradição católica antes de Tomás e omite as virtudes cardeais da tradição aristotélica, ou seja, o autor promove, imageticamente, um catolicismo medieval não tomista.

O uso nos emblemas do coração, ainda em combinação com uma cabeça, revela um aspecto remotamente moderno, por articular o sujeito religioso, porém somente dentro da perspectiva proposta pelos jesuítas franceses¹⁶.

A iconografia da edição protestante brasileira

Como André Jensen¹⁷ acolheu e trabalhou esta iconografia? Propomos distinguir, em nossa resposta, a iconografia de cada emblema em si, e de todos os emblemas entre eles.

Olhamos, primeiro, para cada emblema em si. Jensen segue, em grande parte, o exemplo iconográfico de Gossner. Interpretamos esta continuidade como aprovação. Entretanto, há diversas pequenas modificações. Em sua edição, a expressão “o coração do/de” substitui todas as outras variações de Gossner como “a imagem de” ou “o estado de”. Jensen volta-se plena e unicamente para a metáfora do coração. Com isso, ele destaca sua proposta como parte da *religio cordis*. Também modifica, em comparação com o original, a ordem dos sete pecados capitais, trocando as posições da “mesquinhez” e da “preguiça”; acresce “bebedice” à “gluttonaria” e interpreta, no texto (GOSSNER, 1970, p. 7)¹⁸, a “impureza” como “adultério”. Entendemos, porém, que estas modificações não rompem com o imaginário em geral. Até este ponto, trata-se simplesmente de pequenas contextualizações.

¹⁵ Tomás de Aquino também favoreceu um conjunto de sete virtudes e combina as três virtudes teologais (fé, amor, esperança) com as quatro virtudes cardeais (prudência, justiça, temperança e fortaleza) de Aristóteles.

¹⁶ Parece que o imaginário de uma “batalha na alma” e “pela alma” entre as virtudes e os vícios ainda vivo na Renascença de certo modo “aguardava” ser fundido com a representação emblemática do coração.

¹⁷ Pastor pioneiro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Atuou a partir de 1900 em São Paulo e faleceu em 1961. Segundo Alderi Souza de Matos (2011), traduziu o *Livrinho do coração* antes de ir para o Rio de Janeiro, onde atuou entre 1914 e 1923.

¹⁸ O texto de Jensen é idêntico à edição “metodista”. Esta afirmação é feita na base da comparação das páginas 1 a 30 da edição de 1914 com as páginas 1 a 23 das diversas edições metodistas, inclusive a edição de 1970.

Já no próximo exemplo de modificação o caso poderia ser outro. Jensen omite a “generosidade”, que na edição de Gossner faz parte do grupo composto por quatro virtudes. Assim, consegue acrescentar a virtude da “liberdade” ao lado de “temperança, paciência e labor” (emblema 8) sem abandonar o número total de sete virtudes. Mas o que significa esta mudança? A generosidade, em sua forma original, chamava-se *liberalitas*, cujo sentido, “liberdade para dar”, o texto original alemão (*Freygiebigkeit*) quase literalmente preservou (cf. GOSSNER, 1813, p. 32). Como se pode ver na tabela 1, numa edição estadunidense *Freygiebigkeit* também era traduzido por *liberality* e não pelo também possível *generosity*. Chama ainda a atenção a proximidade entre *liberality* e liberdade. Isso poderia indicar que Jensen usou uma versão inglesa ao lado da versão alemã. De fato, o próprio Jensen menciona somente a tradução do alemão. Já o argumento de que a tradução exata do inglês teria sido “liberalidade” serve mais como argumento secundário. No ambiente religioso de Jensen, “liberalidade” assemelha-se a “liberalismo”, ou seja, algo que ele não favoreceu.

Edição	Virtudes mencionadas		Observação
Sete virtudes clássicas	Castidade; generosidade [latim: <i>liberalitas</i>]; temperança; diligência; paciência; caridade; humildade		
Gossner, Harrisburgo, 1813, p. 22b	“ <i>Demut</i> [b], Freygiebigkeit , <i>Lieb[e] und Kuschheit</i> ” ¹⁹	“ <i>Nüchternheit, Geduld und Fleiß</i> ” ²⁰	J. E. Gossner manteve os elementos, mas desfez a ordem.
Gossner, Harrisburgo, 1821	“ <i>Nüchternheit, Geduld und Fleiß</i> ” ¹⁰	“ <i>Demut, Freygiebigkeit, Liebe und Kuschheit</i> ” ¹¹	A edição alemã de Harrisburgo troca os lados, mas não muda o conteúdo.
Gossner, Harrisburgo, 1851, p. 52	“ <i>Sobriety, patience and industry</i> ” ¹⁰	“ <i>Chastity, charity</i> ” ¹ , liberality , <i>humility</i> ” ¹¹	A edição inglesa de Harrisburgo segue a edição alemã de Harrisburgo, mas troca a sequência de <i>Freygiebigkeit</i> [= <i>liberality</i>] e <i>Liebe</i> [= <i>charity</i>].
Gossner, São Paulo, 1914, p. 63	“ <i>Castidade, humildade e amor</i> ” ¹⁰	“ <i>Temperança, paciência, labor e liberdade</i> ” ¹¹	A edição de São Paulo mantém os lados, omite <i>Freygiebigkeit</i> / <i>liberality</i> e acresce “liberdade” ao grupo de “labor, temperança e paciência”; como a edição na língua inglesa, coloca “castidade” em primeiro lugar, mas simplesmente antes de <i>Demut</i> e <i>Liebe</i> como na edição alemã, enquanto a edição inglesa de Harrisburgo inverte toda a sequência.

Tabela 1: As virtudes mencionadas nas diferentes edições

¹⁹ O texto no lado esquerdo do emblema.

²⁰ O texto no lado direito do emblema.

²¹ “Charity” representa “amor” segundo a tradução antiga da Kings James Version.

Jensen continua usando o esquema das sete virtudes, porém, da mesma forma que Gossner, não segue mais a ideia clássica de uma sequência ascendente de passos que levam à santidade. Por causa disso, Gossner pode dividir as virtudes em dois grupos: o primeiro, unindo as virtudes localizadas no início e no fim da antiga sequência, (2 x 2 = 4 virtudes); o segundo, compondo seu núcleo (três virtudes). Jensen desfaz este esquema quando tira a *liberalitas* de um grupo para acrescentar a “liberdade” ao outro. Fica a pergunta: Jensen fez então aqui uma complementação tipicamente protestante, introduzindo a ênfase na liberdade? Ou trata-se de um mal-entendido a partir da tradução de *liberalitas* por “liberdade”? Para responder a esta questão vamos, mais adiante, consultar ainda o texto que acompanha as imagens.

Uma variação menor refere-se, ainda, às imagens dos anjos nos dois emblemas “morte de”: no emblema 5, o anjo cobre o rosto com uma mão e mostra as costas ao pecador, ou seja, ele mostra comoção por seu fracasso e pelo destino do pecador; quanto ao emblema 10, o anjo é retratado de costas para o espectador e virado plenamente ao ser humano, conduzindo-o aos céus.

Mesmo que os emblemas em si destaquem-se por sua continuidade – talvez com exceção da introdução da virtude da liberdade –, quanto à composição entre si, Jensen faz uma intervenção maior. Ele reagrupa os emblemas de forma significativa, colocando o conjunto dos emblemas 6 a 8 antes dos emblemas 3 a 5, resultando na sequência: emblemas 1-2, 6 a 8 + 3 a 5, 9-10. Com esta reorganização, Jensen combina quatro retratos do coração que resultam na morte desesperadora do pecador (emblemas 1, 2, 6, 7 e 8) e quatro que cumulam na morte feliz do crente (emblemas 3, 4, 5, 9 e 10). Em sua descrição panorâmica, Jensen (1970, p. 12-13) descreve os passos nesta “nova” ordem, mas não comenta sua reorganização com uma só palavra.

Gossner, 1813, 2ª edição		Jensen (Tradutor), 1914 [1970, 20ª edição].
Uma imagem do interior de um ser humano que serve ao pecado e se deixa governar pelo Diabo	1 1	O coração do homem que se entrega ao pecado e se deixa governar pelo demônio.
Uma imagem do interior de um pecador que está se arrependendo, o que causa a fuga do pecado	2 2	O coração da pessoa cuja consciência está sendo iluminada pelo conhecimento da verdade
O estado interior de um pecador que, crendo em Jesus Cristo e no Evangelho, está cheio do Espírito Santo	3 [6]	O coração de um cristão descuidado e negligente
Estado interior de um ser humano que está, pelo mérito de Cristo, reconciliado com Deus e que resolveu nada mais saber senão de Jesus Cristo e este crucificado	4 [7]	O coração de um cristão decaído ou apóstata cujo fim é pior do que o princípio.

O estado interior de felicidade de Deus: seu coração, um templo do Deus vivo; sua morada da santa Trindade	5 [8]	<i>A morte do ímpio</i> e a justa retribuição do pecado
Coração de um ser humano cujo coração está esfriando	6 [3]	O coração de uma pessoa que persevera até o fim crendo em Jesus Cristo e no Evangelho e que se acha cheia do Espírito Santo
O estado do coração de um ser humano que, depois de sua conversão, cai novamente em seus antigos pecados e acaba sendo plenamente dominado pelo poder de Satanás	7 [4]	O coração de uma pessoa que está reconciliada com Deus e que resolveu nada mais saber senão de Jesus Cristo e este crucificado
A morte do <i>ateísta</i> e o salário do pecado	8 [5]	O coração de uma pessoa que se tornou templo do Deus vivo, habitação perene da Trindade
O interior de um cristão que insiste na luta contra o pecado	9 9	O coração da pessoa que batalha fortemente contra o pecado e se exercita na piedade
<i>A morte do piedoso e justo</i>	10 10	<i>A morte do homem bom e justo</i>

Tabela 2: Os emblemas em si e entre si: continuidades e releituras

Jensen destaca os elementos que, segundo ele, na vida, levam para o inferno ou para o céu, ou seja, ele reorganiza os emblemas segundo o imaginário do caminho estreito e do caminho largo²². Esta metáfora foi explorada tanto pelo puritanismo inglês, como se pode perceber, por exemplo, nas obras do inglês e puritano John Bunyan, do final do século XVII, como pelo pietismo alemão²³. Já o pietismo alemão distingue-se do puritanismo inglês, menos pelas metáforas usadas e mais por sua forma de estabelecer sua relação com o mundo, os governadores, o Estado e suas instituições. Quanto ao puritanismo, na base da doutrina do reinado de Cristo, envolveu-se, com certa frequência, em assuntos da vida pública. Já o pietismo alemão, baseado na doutrina luterana dos dois reinos, especialmente em sua fase tardia, mas não só, defendia a ideia do recuo do mundo, considerando-o, em primeiro lugar, tentador ou ameaçador. Expressão emblemática dessa compreensão foi o cartaz chamado *Der breite und der schmale Weg* (o caminho largo e estreito),

²² A distinção entre o caminho estreito e o caminho largo baseia-se em Mateus 7.13-14. Enquanto no evangelho há uma inversão dramática e inesperada – o caminho da lei é o caminho largo –, a partir da época medieval articula a metáfora segundo a ideia de que seguir o caminho estreito seria uma vida que vivencia as virtudes na risca. Esta segunda compreensão é reproduzida por Gossner e seus tradutores.

²³ Em comparação, na iconografia católica mais comum era o imaginário da dupla saída, inferno e céu, como parte dos novíssimos. Essa, de fato, era a proposta original de Gossner, em referência parcial à iconografia clássica jesuíta dos quatro elementos dos novíssimos. Na descrição do próximo emblema, Gossner (1813, p. 9) usa também a expressão “*zuvorkommende Barmherzigkeit*” – “misericórdia preveniente”.

feito por Hans Beckmann, segundo as ideias de Charlotte Reihlen, em 1866, em Stuttgart, Alemanha. Leonildo Campos (em obra em fase de publicação) mostra que este cartaz circulou no Brasil em uma versão em português, com certeza a partir de 1910. Jensen, assim tudo indica, aproximou o texto de Gossner a esta leitura protestante da fé cristã. Sendo este um formato caracteristicamente protestante, melhor, pietista, a reorganização serviu certamente para sua popularização entre protestantes, sem, porém, afastar os leitores católicos. Apesar disso, não mencionou no texto a reorganização com uma só palavra.

Chama nossa atenção a proximidade de duas propostas quanto ao aspecto público. Nos emblemas 3 e 9, o “mundo” é retratado por um homem que fere o coração com uma espada; na estampa 9, além disso, como um homem que segura um cálice. Em conjunto, a mensagem dos dois é que o mundo é um lugar que seduz, ataca ou persegue o cristão verdadeiro. Desta forma, destacam-se os vícios da ira e da glotonaria (concupiscência) como problemas centrais do mundo. Iconograficamente, eles são “completados” pelo saco de dinheiro no emblema 9, ou seja, tanto pelo vício da luxúria como da mesquinhez. No cartaz *O caminho largo e estreito* encontram-se os bares, os cassinos e cenas de guerra ao longo do caminho largo. Ainda no emblema 9, encontramos também a única forma autorizada de relação com o mundo, o dever de fazer caridade, simbolizado pelo saco cheio de trigo e pelo peixe. Este modelo remete, novamente, ao imaginário e à ética medieval ou pré-moderna.

Resumindo: o imaginário católico popular promovido por Gossner e as convicções do pietismo tardio anunciadas sutilmente por Jensen convergem na ideia de não intervir nas estruturas ou na estruturação da sociedade. O mundo não é lugar a ser transformado, mas testemunho de transformações de pessoas, em seus corações.

A iconologia das edições católica e protestante

A iconologia da edição católica

Quando Gossner escreveu o *Livrinho do coração* ele era um missionário popular católico. Somente mais de 15 anos depois ele iria converter-se à Igreja Luterana. Apesar disso, manteve, já em 1811, contatos próximos com a *Christentumsgesellschaft* (Sociedade da Cristandade) em Basileia, Suíça, um grupo interconfessional composto por reformados, luteranos e católicos como ele. O fato de ele ter sofrido perseguição por parte de jesuítas e superiores enquanto ainda era católico também não fortalece a tese de que tivesse sido um teólogo e padre católico clássico em termos doutrinários e ritualistas. Enfim, que tipo de católico era Gossner?

O título do livro refere-se ao coração do ser humano. Iconograficamente, Antônio Wierix tinha feito o mesmo, porém iconologicamente, ainda havia chamado seu livro *Cor Iesu amanti sacrum* [*O sagrado coração do Jesus amante*]. Podemos descrever esta mudança como um passo iconográfico na direção da modernidade. Porém, há outros aspectos que contradizem esta impressão. Em sua introdução, Gossner usa quatro das oito páginas para provar, biblicamente, que os antigos acreditavam na realidade do Diabo, de demônios e do inferno. Percebe-se a importância desse imaginário para todo argumento posterior. Este aspecto é, certamente, pré-moderno. Trata-se de um elemento-chave no argumento de Gossner (1813, p. iv) e de uma das razões de sua publicação: “o tempo atual ri do diabo como que ele não estivesse, nega a sua existência, ou sua influência ao ser humano”.

Apesar disso, chama nossa atenção, em seu livrinho, a ausência de certos temas clássicos da teologia católica. Não aparecem os temas do pecado original, dos sacramentos, da igreja como sacramento da salvação ou da hierarquia eclesiástica como garantia da ordem necessária para celebrar os sacramentos. E, embora se fale muito do Diabo e do inferno, não se menciona o purgatório. De fato, o acento no indivíduo diminuiu a importância da mediação institucional e sacramental da salvação, e esta divergência deve ter sido uma das razões da discórdia entre ele e seus superiores da Igreja Católica (o que resultou, inclusive, num cárcere eclesiástico para ele).

Em termos doutrinários, encontramos em todo o texto somente dois conceitos teológicos católicos de peso: “pecados mortais” – “*Todsünden*” (cf. GOSSNER, 1813, p. 1 e 21) – e “graça proveniente” – “*zuvorkommende Gnade*”²⁴ (cf. GOSSNER, 1813, p. 1). O último representa uma reorientação na doutrina católica introduzida pelo Concílio de Trento, substituindo o acento anterior na “graça irresistível” de Agostinho. No *Decreto sobre a Justificação* do Concílio consta: “o início da justificação dos adultos deve brotar da *graça proveniente* de Deus [cân. 3] por Jesus Cristo”²⁵ (negrito do autor). Concluímos que em relação a este tema, Gossner, de fato, não foge da ortodoxia estabelecida²⁶. O capítulo 5 do Concílio de Trento serviu, provavelmente, também como inspiração para a iconografia em si do segundo emblema. “*Tocando*

²⁴ Na descrição do próximo emblema, Gossner (1813, p. 9) usa também a expressão “*zuvorkommende Barmherzigkeit*” – “misericórdia proveniente”.

²⁵ (*De necessitate praeparationis ad iustificationem in adultis* [D1525]): “... *ipsius iustificationis exordium in adultis a Dei per Christum Iesum praeveniente gratia sumendum esse*” (negrito pelo autor).

²⁶ A expressão alemã “*zuvorkommend*” não faz a distinção entre “proveniente” e “preveniente”, a diferença entre a procedência divina da graça e a anterioridade da graça divina à resposta humana. O prefixo “*prae*” pode designar as duas, e além delas, ainda, a superioridade de algo.

Deus o coração do homem com a iluminação do Espírito Santo”²⁷ (negrito do autor) é exatamente o que o emblema retrata (GOSSNER, 1813, entre p. 5 e 6).

Resumindo, quanto ao acento da graça “proveniente”, Gossner representa a ortodoxia católica de sua época e uma posição que um teólogo calvinista clássico não poderia aceitar, por ir contra sua doutrina da predestinação. Tampouco seria aceitável para um teólogo luterano ortodoxo, que a rejeitaria por, no mínimo, potencialmente promover um sinergismo salvífico.

A iconologia da edição protestante brasileira

As partes do título, do expediente e das informações editoriais

Jensen explica, no expediente, ter traduzido o texto “livremente do alemão, prefaciado, adaptado e aumentado com reflexões finais” (GOSSNER, 1970). Sua mão própria transparece, de fato, em diversas partes.

O título *O livrinho do coração*, que consta na capa, aparece na segunda página de forma levemente variada: *Um folheto célebre ou O livrinho do coração. Um folheto célebre* faz referência ao imenso sucesso deste livro nos campos das missões em língua alemã, francesa e inglesa. Quer dizer, Jensen traz um sucesso editorial para Brasil. Depois, cita ainda o título original alemão *O coração humano: templo de Deus ou de Satanás, representado por 10 geniais ilustrações para edificação e despertamento da cristandade*²⁸. “Humano” em vez de “homem” é a tradução correta que não sobreviveu nas traduções posteriores pentecostais (cf. GOSSNER, [1980]) e batista (cf. GOSSNER, 2001). O conceito do “*Sinnbild*”, (literalmente, imagem que dá um sentido ou faz sentido, uma tradução com certa proximidade à palavra “iconologia”) em Gossner, lembra da tradição dos livros emblemáticos dos quais o texto sob investigação é, provavelmente, um dos mais conhecidos no mundo (cf. MÖDERSHEIM, 2010). Para o presbiteriano e dinamarquês Jensen, esta tradição certamente não estava fora de seu alcance, lembrando a ampla difusão da obra *Cor Iesv amanti sacrum* de Antônio Wierix (1586/1587) nos púlpitos das igrejas luteranas (!) da Escandinávia (cf. KASPERSEN; HA-ASTRUP, 2003, p. 293) e a importância da lógica emblemática para o livro *O Peregrino*, de John Bunyon. Entretanto, Jensen não faz esta conexão explicitamente e refere-se a simples “ilustrações”.

Interessante é sua substituição de *christlichen Sinnes* (sentido cristão) por “cristandade”. Enquanto o primeiro cabe melhor numa perspectiva *extra ecclesiae*, ou seja, missionária, o segundo parece partir da compreensão *intra*

²⁷ “*Tangente Deo cor hominis per Spiritus Sancti illuminationem*” (negrito pelo autor).

²⁸ Original: “*Erweckung und Beförderung des christlichen Sinnes*”, literalmente, “avivamento e promoção da cristandade”.

ecclesiae, ou seja, dirigir-se ao cristianismo como tudo que nesta época estava na disputa pelo seu espaço na sociedade, tanto do lado católico (ultramontanismo), como do lado protestante (evangelização como cristianização numa perspectiva anglo-saxônica). Antecipando, parece-nos que Jensen entende o catolicismo como parte de uma só cristandade – o que representaria a posição da conferência missionária de Edimburgo, em 1910 – por duas razões. Primeiro, *o Livrinho do coração* dirige-se claramente a católicos, e Jensen faz questão de que a tradução da Bíblia por ele usada, a do “padre Antônio Pereira de Figueiredo”²⁹, seja “aprovada por mandamento de S. Exa. Revma. [...] arcebispo da Bahia” (GOSSNER, 1970). Esta tentativa fica mais evidente ainda no prefácio de Jensen (*ibid.*, p. 15):

O Livrinho do coração, obra católica ou de caráter verdadeiramente universal, é destinada a uma missão muito diferente de outras mais ou menos sectárias, prima, naturalmente, pela completa ausência de disputas [...] não se trata de propaganda de seita que foi fazer-se com tal ou qual grau de fanatismo, mas, unicamente da mais legítima e verdadeira propaganda do Espírito cristão.

Jensen destina, então, o livro, no mínimo, também à parte majoritária da população brasileira, os católicos. Seu concurso não é apologético ou de conflito por confessionalidade, mas favorece a sinceridade pessoal diante do dever do compromisso para com Deus. Sendo o livro originalmente escrito para as populações católicas da Bavária, na Alemanha, ele pensou que, talvez, o texto fosse realmente algo especial a ser dito aos católicos brasileiros.

Após o título e o expediente – nesta seção Gossner havia citado somente 1 João 3.4-10 –, Jensen cita dois versículos bíblicos em latim: “*praebe, fili mi, cor, tuum mihi... / omni custodia serva cor tuum...*”. Trata-se de uma citação literal da Vulgata de Provérbios 23.26a e 4.23a: “dá-me, filho meu, o teu coração”; “sobretudo o que se deve guardar, guarda o teu coração”. A citação continha duas vezes a palavra “*cor*”, isso é, “coração” em latim³⁰. Provérbios 23.26 –

²⁹ Uma tradução da Vulgata, não das línguas originais. As alternativas, em 1914, eram de fato limitadas. Na época da chamada Tradução brasileira, a primeira tradução brasileira, que envolveu metodistas, presbiterianos e escritores como Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça, somente foi publicado o Novo Testamento (1910). A Bíblia completa saiu em 1917 com uma apresentação do metodista Hugh Clarence Tucker, mas não conquistou nem os próprios protestantes. Por que as edições depois de 1950 mantiveram esta tradução, inclusive sua autorização pelo bispo católico, fica sem resposta. Em 1948 saiu a primeira edição brasileira da Bíblia Almeida.

³⁰ Nas edições metodistas, a segunda referência ao coração foi ocultada por causa de um erro. No segundo versículo, “*cor*” foi substituído acidentalmente por “*com*” (“*Omni custodia serva **com** tuum*”). Encontramos o erro nas edições 7, 14 e 20, ou seja, é de longa data e nunca foi corrigido.

agora, em comparação com a citação latina, de forma completa – aparece uma segunda vez em um grupo de textos bíblicos chamados “textos áureos”, ao lado de Salmos 50.12-13, Ezequiel 36.26-27 e “São”³¹ Mateus 5.8. Todos esses versículos têm em comum o fato de referirem-se ao coração humano como algo que pode ser “dado”, “puro”, “novo” e “limpo”.

O uso da Vulgata em si, a preferência dada à sua tradução pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo e o uso de “São” Mateus confirmam uma grande consideração pelos costumes de leitores católicos. Porém, perguntamos se a citação inicial da Vulgata de Provérbios 23.26 – de fato a primeira articulação própria do tradutor em comparação ao original – e sua repetição como primeiro dos textos áureos não seja uma sutil referência à primeira parte do lema do próprio Calvino: “*cor meum tibi offero, Domine prompte et sincere*” (meu coração ofereço, a ti, pronto e sincero). Ele lembra a iconografia do brasão de Calvino composto ou pela mão de Deus que recebe o coração de Calvino (figura a), ou por uma (figura b), ou duas (figura c) mãos humanas, que oferecem seu coração a Deus.



Figura a: Selo do século 17



Figura b: Brasão de Calvino, 1936³²



Figura c: Selo comemorativo de 2009

Interessantemente, o brasão original de 1540 (figura d) deixa em aberto a questão de a quem a mão pertencia.

³¹ “São” Mateus é incomum numa publicação protestante brasileira, mas típico em uma edição católica, luterana, anglicana e até metodista quanto às suas origens inglesas.

³² O selo foi criado para as comemorações dos 400 anos da criação das Institutas de Calvino (1536-1936).



Figura d: Selo ou brasão de Calvino, cerca de 1540

A figura do século XVII pode representar certo momento da ortodoxia teocêntrica e as medalhas do século XX um retorno às origens com ênfase paralela ao sujeito humano. “Meu coração ofereço, a ti” parece uma resposta direta ao convite “dá-me, filho meu, o teu coração”, o que faria de Calvino o primeiro a ter respondido ao convite, agora renovado pelo livrinho de Jensen³³. Entendemos, então, que o presbiteriano Jensen constrói sutilmente a autorização da integração da *religio cordis*, por ele proposta no discurso presbiteriano, sugerindo que ela fosse bem compatível com a essência da espiritualidade do próprio fundador dessa vertente do cristianismo³⁴.

Finalizando, Jensen escreve para leitores presbiterianos e católicos, no entanto, suas referências à compatibilidade de seu discurso com o calvinismo são visíveis somente aos conhecedores dessa tradição. Muito mais evidente é sua tentativa de conquistar o público católico e de superar possíveis resistências, por exemplo, do tipo: promovemos a leitura bíblica, porém usamos um texto autorizado por um bispo católico. No auge da promoção ultramontanista da devoção do sagrado coração de Jesus, o presbiteriano Jensen propõe um discurso missionário do coração humano santo ou imundo.

A parte da introdução

Em duas das quatro seções de sua introdução, Jensen aproveita partes da introdução de Gossner (em *O simbolismo*, p. 8 [partes das páginas VII-VIII

³³ De fato, não existe nenhum texto de Calvino que faça esta ligação. Tampouco, tratou Calvino dos provérbios em seu comentário bíblico.

³⁴ É sintomático que as edições metodistas tenham simplesmente reproduzido esta referência a Calvino sem substituí-la pelo discurso wesleyano e sua ênfase na experiência religiosa de John Wesley, em Aldersgate, 1738, a partir da década de 80 do século 20 também chamada “experiência do coração aquecido”. Para nós, é mais um indício de que este discurso wesleyano não era significativo antes (cf. RENDERS, 2011b, p. 181-198).

do original] e em *O autor e a história do Livrinho*, p. 8-11 [partes das páginas III-IV do original]). Além disso, Jensen acresce informações sobre Gossner e de uma de suas duas biografias oficiais, escrita em língua alemã por Dalton³⁵ (1898). Ao lado da pregação, no fim do livro, é a parte mais livremente elaborada pelo autor. Entretanto, o texto não traz nenhuma informação além daquilo que Gossner já não teria dito. Apesar de omitir a longa lista de citações bíblicas em defesa de uma mentalidade cristã que, não somente conta com a existência do diabo, mas com sua ampla atividade.

A parte dos textos explicativos

Em seguida, vemos com mais detalhes o texto que acompanha as estampas. O tradutor mantém a forma de organização proposta por Gossner, usando uma explicação detalhada seguida de uma oração e, com exceção do emblema 3, em Gossner, e 6, em Jensen, finalizada por uma ou duas estrofes de uma canção. Veja alguns detalhes:

Gossner, 1813, 2ª edição		Jensen (Tradutor), 1914 [1970, 20ª edição]
Aos leitores, p. III-VII História do livro, p. III-IV Alertas quanto à existência de “Satanás”, p. IV-VII Dicas para o uso do livro, p. VII-VIII		Antelóquio 1. O nome, p. 5-6 2. O simbolismo, p. 8 (parcialmente, tradução da p. VII-VIII do original) 3. O autor e a história do <i>Livrinho</i> , p. 8-11 (em parte, tradução da p. III-IV do original) 4. As diferentes estampas, p. 11-13
Descrição do emblema: ênfase na explicação dos sete pecados, do Espírito Santo e do anjo; usa o conceito “pecados mortais” (“ <i>Todsünden</i> ”); oração: sim; canção: sim.	1 1	Descrição do emblema: tradução livre, acresce textos bíblicos; omite a expressão “pecados mortais” e refere-se a “vícios e apetites carnis” Oração: livre tradução, acresce no fim “encarnando-se no ventre da bendita Maria”; canção: original substituída.
Descrição do emblema: refere-se primeiro a Cristo e depois ao anjo; usa o conceito de “graça proveniente” (“ <i>zuworkommende Gnade</i> ”); oração: sim; canção: sim.	2 2	Descrição do emblema: fala primeiro do anjo e depois dele como emblema de Deus; omite a expressão “graça proveniente”; cita mais textos bíblicos; oração: tradução livre; canção: original substituída.
Descrição do emblema: oração: sim; canção: não,	3 [6]	Descrição do emblema: tradução livre; oração: tradução livre; canção: substituída

³⁵ Herrmann Dalton (1833-1913) viajou pelo Japão e pela Índia (DALTON, 1895; 1899). Da mesma época é também sua biografia sobre Gossner (DALTON, 1898). Além disso, escreveu também uma exposição do catecismo de Heidelberg, ou seja, um texto fundamental das igrejas reformadas para a comunidade da fé, chamado “Immanuel”, “Deus conosco” (DALTON, 1883).

Descrição do emblema: ênfase na paixão de Cristo; oração: sim; canção: sim.	4	[7]	Descrição do emblema: tradução livre; oração: tradução livre; canção: substituída.
Descrição do emblema: O coração como morada da Trindade nas virtudes [" <i>Tugenden</i> "]; oração: sim; canção: sim.	5	[8]	Descrição do emblema: tradução livre; oração: tradução livre; canção: substituída.
Descrição do emblema; oração: sim; canção: sim.	6	[3]	Descrição do emblema: tradução livre; oração: livre tradução; canção: acrescida.
Descrição do emblema; oração: sim; canção: sim.	7	[4]	Descrição do emblema: tradução livre; oração: recriação; Canção: substituída.
Descrição do emblema: A morte do pecador; oração: sim; canção: sim.	8	[5]	Descrição do emblema: tradução bastante literal; oração: tradução livre; canção: original substituída.
Descrição do emblema; oração: sim; canção: sim.	9	9	Descrição do emblema: tradução livre; oração: tradução livre; canção: original substituída.
Descrição do emblema: a morte do crente; oração: sim; canção: sim.	10	10	Descrição do emblema: livre tradução; oração: livre tradução; canção: original substituída.
			"Reflexões finais ou sermão sobre o dever de guardar o coração diligentemente", p. 79-94.

Tabela 3: Os textos acompanhantes dos emblemas em e entre si: continuidades e releituras

Enquanto as explicações e orações são traduções livres que, mesmo assim, seguem literalmente o original entre 70% e 90%, as canções são contextualizadas e substituídas.

Duas vezes Jensen omite *termini tecnici* teológicos usados por Gossner: “pecados mortais” (*Todsünden*) e “graça proveniente” (*zuvorkommende Gnade*). Os dois marcam fronteiras doutrinárias conflitantes entre o catolicismo e o protestantismo em geral e o metodismo, ou o arminianismo, e o calvinismo em especial³⁶. O protestantismo não distingue entre pecados pequenos e grandes no sentido qualitativo e rejeita a compreensão de um possível limite da graça. Já o calvinismo entende, dentro de sua doutrina da predestinação, a graça como irresistível. O leitor do texto português, porém, não sente esta dupla “apologia” de Jensen. Fiel ao seu propósito de não querer criar conflitos “pela completa ausência de disputas” (GOSSNER, 1970, p. 15), o autor não toca diretamente nos dois assuntos. Em vez disso, refere-se a vícios sem uma distinção qualificadora entre eles, ou seja, defende a perspectiva protestante. Quanto ao caráter “proveniente” ou “irresistível” da graça, Jensen não argumenta conceitualmente. Porém, sua narrativa dá a ideia de uma posição mais ortodoxa presbiteriana: “a boa causa está ganhando terreno, e os inimigos estão se pondo em retirada...” (GOSSNER, 1970, p. 25), ou seja, a graça é irresistível tanto para o ser humano como para o mal.

36 A afirmação católica a favor da “graça proveniente” causou a discussão sobre o chamado sinergismo, inclusive criticado por parte de teólogos luteranos.

Quanto às virtudes, no texto que acompanha o emblema 8, Jensen não comenta sua troca de *liberalitas* por liberdade. Mas como se deve entender a liberdade aqui? O etos protestante combina o ideal da liberdade, segundo o humanismo cristão da Renascença, com o ideal da mística alemã da liberdade de instituições religiosas na mediação da graça com cada indivíduo. Jensen (ibid., 1970, p. 64) destaca, na seção reservada ao respectivo emblema, o tema da união com Deus e a noção do caráter transitório de “todo ao redor de nós, riqueza, fama, prazeres, sim, tudo é [...] nada...”. Liberdade aqui nem é *liberalitis*, ou generosidade, no sentido de liberdade para compartilhar, mas liberdade de deixar o mundo. Esta compreensão segue as ideias da ética estoíca e aproxima o conceito da liberdade à negação de si mesmo e à capacidade de aceitar as coisas como elas se apresentam³⁷.

Já a relação entre a liberdade de consciência e de confissão e os direitos individuais e sociais, como liberdade de opinião e de organização no sentido de liberdades políticas, parece estar ainda além do horizonte do autor. Como Gossner escreve antes da articulação dos movimentos revolucionários de 1848, isso pode ser até compreensível. Já no caso de Jensen, que escreve numa República e com conhecimento da proposta do evangelho social – tanto nos EUA sob ativa participação até liderança da Igreja Presbiteriana como no Brasil pelo presbiteriano Erasmo Braga³⁸ –, trata-se de uma opção no sentido de uma omissão do caminho de uma interação mais construtiva e transformadora *com a e na sociedade*.

Novamente, trata-se mais da reprodução do imaginário, em uso desde a antiguidade até a época medieval, em que a imutabilidade do cosmo, do mundo e das estruturas sociais deixou somente um caminho aberto para a busca da felicidade: sua aceitação, considerada um ato sábio.

Jensen (GOSSNER, 1970, p. 79-94) acrescentou ainda mais um capítulo, com o nome de *Reflexões finais ou um sermão sobre o dever de guardar o coração dili-*

³⁷ O etos protestante da liberdade. Apesar de não promover o ideal da liberdade do humanismo cristão da Renascença, podemos nos perguntar se a segunda fonte da compreensão da liberdade pelos reformadores não está presente em Gossner, a liberdade das instituições religiosas na mediação da graça, como crido e ensinado pela mística alemã. Já a relação entre liberdade de consciência, de opinião, da confissão, direitos individuais e sociais, no sentido de liberdades políticas e sociais, estão longe de seu horizonte. Como Gossner escreve antes da articulação dos movimentos revolucionários de 1848, isso pode ser até compreensível. Já no caso de Jensen, que escreve numa República, com conhecimento da importância do evangelho social – tanto nos EUA sob ativa participação até liderança da Igreja Presbiteriana como na Dinamarca sob liderança dos metodistas na época do bispo Bast – trata-se de uma omissão trágica.

³⁸ Embora sua primeira publicação seja um pouco posterior ao lançamento do *Livrinho do coração* (BRAGA, 1916).

gentemente. Esse texto também não revela novidades; trata-se de uma paráfrase daquilo que já tinha sido dito iconográfica e iconologicamente.

Considerações finais

A introdução e inscrição da *religio cordis* católica na *religio cordis* calvinista

As sutis referências iniciais ao próprio Calvino (1509-1564) dirigem-se à comunidade presbiteriana. O texto em latim dirige-se aos eruditos e estudiosos entre eles. E o texto em português dirige-se ao membro comum. Historicamente, existe, de fato, uma relação imagética e teológica entre o reformador Calvino e a *religio cordis*. Este entendimento transparece na hoje desconhecida obra *Emblèmes ou devises chrestiennes*, de Georgette de Montenay (1540-1581), terminada em 1561, porém lançada somente depois da paz cedida pelo Edito de Saint-Germain em 1570 (cf. REYNOLDS-CORNELL, 1987). A autora calvinista criou não somente um dos primeiros livros emblemáticos cristãos, mas usou também, pela primeira vez e de forma contínua, o emblema de um coração na sua íntegra, e isso 25 anos antes da obra de Wierix, que se tornou antecessor distante da obra de Gossner. Georgette de Montenay, entretanto, é também lembrada como uma pessoa emblemática quanto ao seu papel social de mulher que rompe com os padrões da época, representando “um modelo de uma feminilidade formada e racionalmente soberana como uma visão de relações de gênero justas” (MATHEWS-GRIECO, 1994, p. 283-370). E esta memória, de fato, não faz parte do projeto do *Livrinho do coração*. Iconograficamente, ela é, de fato, relacionada com o “coração na sua íntegra”, que representa uma diferença fundamental entre a iconografia católica e a protestante: o coração na sua íntegra é retratado em seu duplo relacionamento básico para com Deus e para com o mundo, enquanto o coração oco destaca o interesse em relações internas do coração com consequências para as relações externas com Deus, sem dar, nem de longe, a mesma importância às relações externas com o entorno³⁹. Portanto Jensen tinha, além da questão do brasão de Calvino, uma razão histórica e confessional para criar esta ponte entre a *religio cordis* e o calvinismo, porém escolheu, surpreendentemente, a iconografia do coração oco desenvolvida na

³⁹ Na história dos livros emblemáticos, os representantes protestantes que promovem a iconografia do coração oco são os místicos, como Boehme, ou místicos que copiam, simplesmente, Wierix (veja RENDERS, 2009b).

base do misticismo católico e propagada pela contrarreforma, especialmente mediante a *theologia cordis* dos jesuítas. Pouco serve de consolo que ele não tenha sido o único a escolher este caminho⁴⁰.

A aproximação da iconografia e da iconologia católicas populares à iconografia e iconologia protestantes populares do pietismo tardio e vice-versa

Conseqüentemente, pergunta-se até que ponto Jensen promoveu aspectos basicamente católicos da fé cristã declarados como discurso protestante, ou embrulhou características protestantes num discurso aparentemente católico. Quanto a um caráter mais protestante da releitura de Jensen, temos quatro indícios: primeiro, a reorganização dos emblemas segundo o modelo dos dois caminhos; segundo, a ausência das virtudes cardeais; e, terceiro, o remoto aumento do número de citações bíblicas. Já a substituição da virtude da generosidade pela virtude da liberdade, tema preferencial do protestantismo clássico, mas não do pietismo tardio, não articula nenhuma mudança de sentido. Trata-se somente da liberdade no sentido da capacidade para a negação própria.

Porém, podemos também falar de uma catolização do esperado discurso protestante: primeiro, pela ênfase na demonologia medieval; segundo, pelo peso dado à ética das virtudes em si; terceiro, pela redução do “papel cidadão” do cristão ou da cristã às ações pontuais de caridade, e, quarto, pela descrição do mundo moderno em relação ao crente como meramente sedutor ou perseguidor, sem nenhuma consideração positiva. Nesse texto, o mundo moderno nunca é interpretado como o resultado parcial do protestantismo⁴¹ e o protestante como sujeito que atua neste mundo em liberdade e responsabilidade por meio da sua profissão secular e religiosa.

Já o imaginário da “cristandade” era comum, na época, tanto no catolicismo como nas igrejas protestantes de missão. Esta dupla pertença foi interpretada de duas formas opostas: segundo a compreensão da conferência missionária de Edimburgo, a América Latina era, pela mera presença do catolicismo, um continente cristão, subentendendo-se que isso resultaria em uma cristandade composta por católicos e protestantes. Por outro lado, o

⁴⁰ O mesmo vale para os batistas, luteranos, metodistas e pentecostais e suas versões deste livro.

⁴¹ A respectiva tese foi formulada, pela primeira vez, por Ernst Troeltsch (2001) ao redor de 1908. Quer dizer, ela poderia ter sido eventualmente do conhecimento de Jensen, especialmente considerando sua apreciação de autores alemães. Mas, apesar disso, não é muito provável. Já a ideia do protestantismo como religião progressiva e republicana, em contradição a um catolicismo considerado atrasado e antigo defensor da monarquia, era comum na época que Jensen escreveu seu livro.

discurso católico ultramontanista expressa a convicção de que existia apenas *uma* cristandade verdadeira, a católica. Houve respostas protestantes parecidas. Jensen ignora os dois discursos. Em consequência, certamente facilitou o trânsito religioso entre católicos e protestantes, mas não a promoção de um protestantismo alternativo em busca da transformação de fato da sociedade, da Igreja cristã e de pessoas.

A relação entre a promoção de uma visão dicotômica do mundo e a rejeição do papel cidadão ou público do fiel

O discurso da cristandade é um discurso da presença pública e do suposto direito das igrejas cristãs enquanto privilégios. Esta visão choca-se, de fato, com o imaginário dicotômico da presença do Diabo e de demônios ou da Trindade e de anjos. Este discurso era ainda possível, ou “coerente”, enquanto a Igreja, como instituição, assumia o papel da presença pública diante das instituições do Estado, representando os indivíduos religiosos. Com o desaparecimento no texto do papel da instituição e das suas hierarquias, e a continuidade da descrição da pessoa religiosa como necessariamente passiva quanto às condições públicas da vida, não há mais quem possa representar a cristandade. Mas Jensen parece não ter percebido esta contradição. Pior, com a perda dessas representações, o mundo também parece perder-se no diabólico, entregando-se aos vícios, à sedução e perseguição do cristão verdadeiro. Neste sentido, Jensen também não parece favorecer a ideia de um protestantismo progressivo em termos pragmáticos estadunidenses, promotor de uma nova civilização.

Inculturação do discurso protestante à matriz religiosa dominante, sob o preço da omissão de aspectos centrais do Evangelho

Dessa forma, Jensen contribui tanto para a integração do protestantismo dentro do paradigma da matriz religiosa dominante, como para a sua domesticação. Jensen tirou do protestante o protesto. Não podemos ignorar que a posição de Gossner representava somente uma das vertentes do catolicismo. Em seu meio, articulava-se, mesmo que timidamente, já como alternativa, o catolicismo social. A proximidade do discurso de Jensen ao discurso ultramontanista e sua promoção de uma espiritualidade que valorizava o privado em vez do público, com sua ênfase na consagração da família por meio da devoção ao sagrado coração de Jesus, contribuiu certamente para a aceitação do folheto. No entanto, o texto não representava uma alternativa e era plenamente ultrapassado em 1914, seis anos depois da criação e aceitação do Credo Social pela Federação das Igrejas Cristãs dos Estados Unidos, da qual

os presbiterianos fizeram parte. O folheto não avança para dar uma contribuição no século do social (e público), mas para no início do século XIX, senão antes da Reforma ou do século XV. O grande perdedor é o Evangelho e, com ele, a população brasileira.

Referências

BANNASCH, B. **Zwischen Jakobsleiter und Eselsbrücke:** das “bildende Bild“ im Emblem- und Kinderbilderbuch des 17. und 18. Jahrhunderts. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht: 2007. 384p.

BLAKE, W. **Songs of innocence and experience:** showing the two contrary states of the human soul. [s/l], 1794. Disponível em: <<http://www.rarebookroom.org/Control/blkin1/index.html?page=48>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

BRAGA, E. Pan-americanismo: aspecto religioso. Nova York: Missionary Education Mov. USA/Canada, 1916. 205p.

CADIX, M. Le calvinisme et l'expérience religieuse. **Société de l'histoire du protestantisme français**, n. 84, p. 173-190, jul.-set. 1935.

CAMPOS, L. S. **Os dois caminhos:** reflexões sobre origens, circulação e recepção de uma gravura protestante. [Texto em fase de publicação].

DALTON, H. **Auf Missionspfaden in Japan.** Bremen: C.E. Müller, 1895. 446p.

DALTON, H. **Immanuel:** der Heidelberger Katechismus als Bekenntnis- und Erbauungsbuch der evangelischen Gemeinde / erklärt und ans Herz gelegt von Hermann Dalton. Wiesbaden: Julius Niedner, 1883.

DALTON, H. **Indische Reisebriefe.** Gütersloh: C. Bertelsmann, 1899. 386p.

DALTON, H. **Johannes Gossner:** Ein Lebensbild aus der Kirche des neunzehnten Jahrhunderts. Berlin [Friedenau]: Buchhandlung des Gossnerschen Mission, 1898. 533p.

DOUMERGUE, E. **Iconographie Calvinienne.** Lausanne. Georges Bridel & Cie Éditeurs, 1909.

GARNIER, C. F. (Ed.). **Le miroir du pécheur.** Troyes: Garnier [entre 1738-1754]. Disponível em: <http://patrimoine.agglotroyes.fr/simclient/integration/EXPLOITATION/dossiersDoc/voirDossManuscrit.asp?INSTANCE=EXPLOITATION&DOSS =BKDOSS-DOC_BBL_0106_0>. Acesso em: 20 jul. 2011.

GOSSNER, Johann Evangelista. **O coração do homem. Pretória [África do Sul]:** All Nations Gospel Publishers (ANGP), [1980]

GOSSNER, Johann Evangelista. **O coração do homem. Rio de Janeiro: Editora Vida,** 2001 [5º Impressão] 48p

GOSSNER, J. E. **Das Herz des Menschen:** ein der Tempel Gottes oder eine Werkstätte des Satans in zehn Figuren sinnbildlich dargestellt. 2. ed. Augsburg: Nicolaus Doll, 1813.

GOSSNER, J. E. **Das Herz des Menschen:** ein Tempel Gottes oder eine Werkstätte Satans in 10 Sinnbildern dargestellt von Johannes Gossner. BREPOHL, Wilhelm (Ed.). Ponta Grossa: Verlag der Deutschen Vereinigung für Evangelisation und Volksmission, 1932.

- GOSSNER, J. E. **O livrinho do coração**: um templo de Deus ou uma oficina do diabo. 20. ed. Trad. André Jensen. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970.
- GOSSNER, J. E. **The heart of man**: either a temple of God, or a habitation of Satan, represented in ten emblematical figures, calculated to awaken and promote a Christian disposition. Harrisburg: Gustavus S. Peters, 1829. 57p. (Tradução da 4. ed. alemã).
- GOSSNER, J. E. **Um folheto célebre ou o Livrinho do Coração**: o coração humano templo de Deus ou de Satanás, representado por dez geniais ilustrações para edificação e despertamento da cristandade. Trad. André Jensen. São Paulo: Vanorden, 1914. Disponível em: < http://archive.org/details/livrinho_01 >. Acesso em: 20 mar. 2012.
- KASPERSEN, S.; HAASTRUP, U. **Images of cult and devotion**: function and reception of Christian images of Medieval and Post-Medieval Europe. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2003. 330p.
- MATHEWS-GRIECO, S. F. Georgette de Montenay: Eine andere Stimme in der Emblematik des 16. Jahrhunderts. In: **Renaissance Quarterly**, v. 4, p. 283-370, 1994.
- MATOS, A. S. A Igreja Presbiteriana de Botafogo e o presbiterianismo nacional, 2011. **Página do Instituto Presbiteriano Mackenzie**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/10267.html>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- MÖDERSHEIM, S. Most printed emblems in the world: Johannes Gossner's 'Heart of Man'. In: *International Congress on Medieval Studies (Anais)*, vol. 45, 13-16 Mai. 2010.
- RENDERS, Helmut. "As origens do livro emblemático O coração do ser humano (1812) de Johannes Evangelista Gossner: continuidade e releituras da religio cordis nos séculos 16 a 19". In: **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, vol. 29, p. 65-78 (set./dez. 2012).
- RENDERS, H. 'somos deste mundo!': imaginário sócio-religioso e engajamento na sociedade. In: RIBEIRO, Claudio et al. **Sal da terra e luz do mundo**: 100 anos do credo social metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009a. p. 89-113.
- RENDERS, H. Deus, o ser humano e o mundo nas linguagens imagéticas da religião do coração: códigos e projetos. **Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 373-413, jul.-dez. 2009b.
- RENDERS, H. Imaginário religioso católico – protestante – pentecostal – neopentecostal? Implicações das origens e múltiplas reedições do livrinho do coração em solo brasileiro. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 114-153, 2009c.
- RENDERS, H. Religião wesleyana do coração e religião cordial brasileira: "união mística" com a matriz religiosa brasileira ou porta para uma imersão cultural transformadora? In: RENDERS, H.; SOUZA, J. C. (Orgs.). **Teologia wesleyana, latino-americana e global**: uma homenagem a Rui de Souza Josgrillberg. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011a. p. 181-198.
- RENDERS, H. **Raízes, projetos, mentalidades e perspectivas da religião "cordial" do Brasil**: uma viagem em busca da alma brasileira. 2011b, 256 p. Relatório de pesquisa (Pós-doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.
- REYNOLDS-CORNELL, R. (Ed.). **Witnessing an Era**: Georgette de Montenay and the Emblèmes ou devises chrestiennes. Birmingham: Summa Publications, 1987.
- ROSS, D. **Aristóteles**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

STROHM, C. **Ethik im frühen Calvinismus:** philosophische, juristische und theologische Argumentationen sowie mentalitätsspezifische Aspekte am Beispiel des Calvin-Schülers Lambertus Danaeus. Berlin/New York: De Gruyter, 1996.

TROELTSCH, E. **Schriften zur Bedeutung Des Protestantismus für die moderne Welt (1906-1913).** Berlin: Walter De Gruyter, 2001. 476p. (Kritische Gesamtausgabe, v. 8.)

TROUT, D. E. Latin Christian epics of late Antiquity. In: FOLEY, J. M. (Ed.). **A companion to ancient epic.** Malden, USA / Oxford, UK / Vitoria, AUS: Blackwell Publishing, 2005. p. 550-561.

TUCKER, H. C. et al. Bíblia sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. [1ª ed. 1917].

WIERIX, A. **Cor Iesv amanti sacrvm.** Antverpia: n d., [1585].

WIERIX, A. **Fortezza reale del cuore humano:** battuta soauemente, saettata amorosamente, superata gloriosamente, e posseduta & ornata gratiosamente dall' amoroso Giesù: disegnata in figure con alcune brieui ma affettuose meditationi et altri tanti soliloquij. Modena: P[er] il Cassian, 1628. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/fortezzarealedel00ronc>>. Acesso em: ago. 2011.

WIERIX, A. **Les divines operations de Jesus dans le coeur d'une ame fidelle.** Paris: J. Van-Merle, 1673. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/lesdivinesoperat03mell>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Referências imagéticas

Figura a: Selo de Calvino do século 17; cf. Doumergue (1909, p. 66, Pl.XV), apud página do colégio Calvin. Disponível em: <http://www.calvin.edu/about/the-seal.html#_ftnref3 >. Acesso em: 20 mar. 2012.

Figura b: Selo de Calvino de 1936, comemorando 500 anos dos Institutos. Disponível em: <<http://www.burninghearts.sg/1/post/2011/5/the-musings-of-a-burning-heart-johncalvins-seal-and-motto.html> >. Acesso em: 20 jul. 2011.

Figura c: Selo de Calvino de 2008; apud: Disponível em: <http://dennisyam.files.wordpress.com/2008/07/logofinal1.jpg?w=300&h=300>. Acesso em: 20 mar. 2012.

Figura d: Selo de Calvino de 1540; cf. Marcel Cadix (1935, p.172) página do colégio Calvin. Disponível em: <http://www.calvin.edu/about/the-seal.html#_ftnref3 >. Acesso em: 20 mar. 2012.

Figuras 1 a 10: 10 Emblemas do GOSSNER, Johannes Evangelista. *Das Herz des Menschen*, Augsburg: [s/e], 1813 [2. ed.].

Figuras 11 a 21: GOSSNER, Johannes Evangelista. O livrinho do coração. Trad. e ed. André Jensen. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1970 [20. ed.].

Anexos

GOSSNER, J. E. **Das Herz des Menschen.** Augsburg: [s/e], 1813 [2. ed.].

Submetido em: 1/3/2012

Aceito em: 16/12/2012



Figura 1: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, antes da p. 1 [emblema 1]



Figura 2: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, entre p. 4 e 5 [emblema 2]



Figura 3: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, entre p. 8 e 9 [emblema 3]



Figura 4: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, p. entre p. 12 e 13 [emblema 4]



Figura 5: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, entre p. 18 e 19 [emblema 5]



Figura 6: Gossner, J. E. *Das Herz des Menschen*, entre p. 24 e 25 [emblema 6]



Figura 7: Gossner, J. E. Das Herz des Menschen, entre p. 28 e 29 [emblema 7]



Figura 8: Gossner, J. E. Das Herz des Menschen, entre p. 32 e 33 [emblema 8]



Figura 9: Gossner, J. E. Das Herz des Menschen, entre p. 38 e 39 [emblema 9]



Figura 10: Gossner, J. E. Das Herz des Menschen, entre p. 42 e 43 [emblema 10]

GOSSNER, J. E. O livrinho do coração. 20. ed., Trad. e ed. André Jensen. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1970.



Figura 11: GOSSNER, J. E. *Livrinho do coração*, 1970, [capa]



Figura 12: GOSSNER, J. E. *O livrinho do coração*, p. 5 [emblema 1]



Figura 13: GOSSNER, J. E. *O livrinho do coração*, p. 27 [emblema 2]



Figura 14: Gossner, J. E. *O livrinho do coração*, p. 33 [emblema 3 [6]]



Figura 15: GOSSNER, J. E. *O livrinho do coração*, p. 39 [emblema 4 [7]]



Figura 16: GOSSNER, J. E. *O livrinho do coração*, p. 45 [emblema 5 [8]]



Figura 17: GOSSNER, J. E. O livrinho do coração, p. 53 [emblema 6 [3]]



Figura 18: GOSSNER, J. E. O livrinho do coração, p. 57 [emblema 7 [4]]

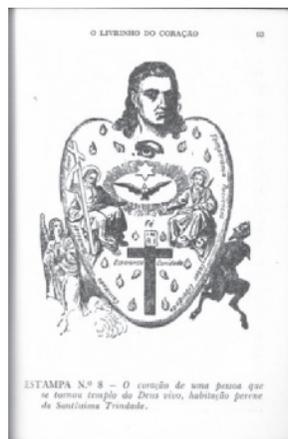


Figura 19: GOSSNER, J. E. O livrinho do coração, p. 63 [emblema 8 [5]]

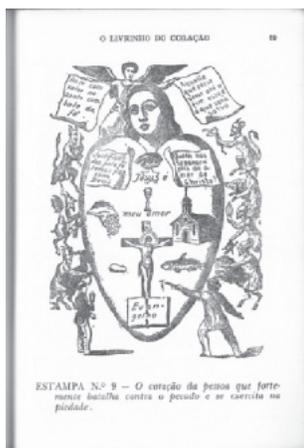


Figura 20: GOSSNER, J. E. O livrinho do coração, p. 69 [emblema 9]

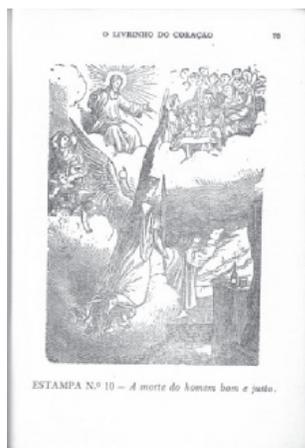


Figura 21: GOSSNER, J. E. O livrinho do coração, p. 75 [emblema 10]